



Aspectos fonológicos dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné

Phonological aspects of the Upper Guinea Portuguese Creoles

Shirley Freitas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB),
São Francisco do Conde, Bahia / Brasil

shirleyfreitas@unilab.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-6124-8067>

Manuele Bandeira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB),
São Francisco do Conde, Bahia / Brasil

manuelebandeira@unilab.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3163-0377>

Resumo: O presente trabalho compara aspectos fonológicos das variedades modernas do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu (os crioulos autóctones da Alta Guiné) com o objetivo de encontrar suas similaridades e diferenças. Para o guineense, recorreu-se aos dados e descrições de Chapouto (2014) e Costa (2014); já para o kabuverdianu e o papiamentu, foi utilizado o estudo de Freitas (2016). No que tange ao sistema vocálico, as três línguas têm as cinco vogais /i e a o u/; contudo o guineense não apresenta a distinção entre médias-altas e médias-baixas e o papiamentu possui vogais anteriores arredondadas. Com relação ao sistema consonantal, as três línguas não fazem distinção entre dois róticos e possivelmente não tinham /v z/ nos estágios iniciais. A partir dos dados, percebe-se que as três línguas, apesar de sua origem comum, seguiram caminhos diversos de desenvolvimento, com estratégias autônomas e recebendo influências das línguas com as quais estão em contato.

Palavras-chave: Crioulos portugueses da Alta Guiné; quadros fonológicos; aspectos convergentes e divergentes; origem comum; desenvolvimentos próprios.

Abstract: This research compares the phonological aspects of the modern varieties of Guinea-Bissau Creole, Cape Verdean Creole and Papiamentu (the Upper Guinea Portuguese Creoles) in order to find their similarities and differences. For the Guinea-Bissau Creole, we used data and descriptions of Chapouto (2014) and Costa (2014); for the Cape Verdean Creole and the Papiamentu, in turn, the study of Freitas (2016) was used. As far as the vowel system is concerned, the three languages have the five vowels /i e a o u/; however, the Guinea-Bissau Creole does not present the distinction between close-mid vowels and open-mid vowels and Papiamentu has front rounded vowels. Regarding the consonantal system, the three languages do not distinguish between two rhotic consonants and possibly did not have /v z/ in the initial stages. From the analysis, we can see that the three languages, despite their common origin, followed different paths of development, with their own strategies and receiving influences from the languages which they are in contact with.

Keywords: Upper Guinea Portuguese Creoles; phonological inventories; convergent and divergent aspects; common origin; own developments.

Recebido em 29 de maio de 2020

Aceito em 31 de agosto de 2020

1 Introdução

O *guineense* (falado na Guiné-Bissau e em Casamansa, no Senegal), o *kabuverdianu* (falado no arquipélago de Cabo Verde) e o *papiamentu* (falado, entre outros lugares, na ilha de Curaçao) formam uma família linguística: a dos crioulos portugueses da Alta Guiné. Tal agrupamento seria justificado pela origem dessas línguas (FREITAS, 2016; JACOBS, 2010). Considerando esse cenário, o presente artigo tem o objetivo de comparar as fonologias das variedades modernas das três línguas, mostrando as similaridades e as diferenças. Esse estudo constitui uma análise preliminar e enfocará aspectos segmentais, mais precisamente, vogais e consoantes. Pretende-se que tal estudo fomente um maior número de análises fonológicas no futuro.

O estudo se justifica na medida em que a comparação entre o guineense, o kabuverdianu e o papiamentu (especialmente em uma perspectiva sincrônica) não tem sido objeto de estudos sistemáticos, assentados em bases científicas. Além disso, apesar de o parentesco entre as línguas ser reconhecido, ainda não foi realizada a reconstrução

de seu ancestral comum. Diante desse cenário, a comparação fonológica preliminar realizada neste estudo mostra-se relevante uma vez que análises fonológicas das línguas-filhas constituem um primeiro passo para a reconstrução de sua protolíngua (CAMPBELL, 1998; KAUFMAN, 1990). É importante reiterar que a comparação dos sistemas vocálico e consonantal das três línguas constitui uma análise preliminar, inicial, contudo necessária, tendo em vista as poucas descrições que são realizadas sobre essas línguas, especialmente no âmbito fonológico. Diante disso, a fim de que se possa partir, por exemplo, para a reconstrução do protocrioulo que deu origem ao guineense, kabuverdiano e papiamentu, faz-se necessário definir os quadros fonológicos das três línguas-filhas, apontando os pontos convergentes e divergentes. Em seguida, de posse dessa descrição, será possível correlacionar esses resultados com outros dados linguísticos, como os relacionados a processos fonológicos, léxico e morfossintaxe, o que contribuirá para a reconstrução não só fonológica, mas também morfossintática.

Assim sendo, o texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, será feita uma breve caracterização das línguas crioulas de base lexical portuguesa da Alta Guiné, apontando aspectos gerais de cada língua do grupo, bem como as justificativas teóricas para seu agrupamento. Na segunda seção, são apresentados os materiais e métodos empregados para realização da pesquisa. Em seguida, é feita uma caracterização fonológica do guineense, do kabuverdiano e do papiamentu (separadamente) no que tange aos sistemas vocálico e consonantal. O objeto da quarta seção é a comparação dos quadros fonológicos das três línguas em suas variedades modernas, apontando aspectos convergentes e divergentes. Por fim, a última seção é destinada às considerações finais da pesquisa e aos seus desdobramentos futuros.

2 As línguas crioulas de base portuguesa da Alta Guiné

O guineense, surgido a partir do contato entre línguas africanas e o português, atualmente é falado em Guiné-Bissau e em Casamansa, no Senegal. Esta pesquisa tem como foco a variedade falada na Guiné-Bissau, visto que é a mais antiga e goza de grande vitalidade entre a população.

Com relação ao país mencionado, berço do guineense, o número de habitantes atualmente é de aproximadamente 1.520.830 habitantes

(INEC, 2009). Essas pessoas se defrontam com uma situação linguística multifacetada: nesse pequeno país são faladas mais de 20 línguas autóctones (relacionadas a etnias diversas), além do português e do guineense. De acordo com Costa (2014), dentre as línguas autóctones, as mais faladas são (i) balanta (397.000 falantes, o que equivale a 26,1% da população); (ii) fula (265.000 falantes, correspondendo a 17,42%); (iii) manjaco (184.000 falantes, somando 12,09%); (iv) mandinga (167.000 falantes, o que corresponde a 10,9%); (v) papel (136.000 falantes, equivalendo a 8,94) (dados de 2006). Já o português é falado por menos de 1% da população como primeira língua e por cerca de 10% como L2, L3 ou L4; ao passo que o guineense é falado como L1 por 13,54% e como L2 por 39,45% dos habitantes (COSTA, 2014).

O estatuto das línguas que circulam na sociedade guineense é diverso. Há um intenso contato entre as línguas autóctones, que permanecem orais e não são línguas de ensino. Nas zonas rurais e entre as pessoas mais velhas, geralmente a língua materna é uma dessas línguas autóctones. Já o português é a língua oficial (mas não é a língua vernácula do país) e tem um uso limitado ao registro formal e escrito. Saber português é visto como meio de ascensão social e desenvolvimento do país. Além disso, aqueles que não sabem português encontram-se excluídos de muitos meios, já que os espaços jurídicos e administrativos fazem uso apenas dessa língua, assim como os meios de comunicação como televisão e imprensa escrita (no rádio, há transmissões em guineense e mesmo em outras línguas africanas). Ademais, o ensino é em português, havendo tentativas isoladas de ensino bilíngue em algumas regiões, como no arquipélago de Bijagós (SCANTAMBURLO, 2013). Por fim, o guineense é a língua nacional (a mais falada pelo povo) e fator de união e identidade. Nas cidades, é a língua materna da maior parte das pessoas.

Dentre as diversas variedades de kabuverdianu faladas nas ilhas do arquipélago de Cabo Verde (Santiago, Fogo, Maio, Brava, Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Boa Vista e Sal) e na diáspora, este trabalho enfoca o kabuverdianu falado em Santiago, que, segundo Quint (2000b), seria a variedade mais antiga (tendo dado origem às demais), mais conservadora e mais distante do português. A variedade santiaguense é a falada por quase metade dos habitantes de todo o arquipélago (cerca de 185 mil pessoas), que totaliza em média 491 mil habitantes, conforme o Censo de 2010 (INE, 2010).

A situação linguística de Cabo Verde é semelhante àquela da Guiné-Bissau (excetuando o caso das línguas autóctones): embora a maior parte da população tenha o kabuverdianu como língua materna, a língua oficial é o português, estando presente no ensino formal, nos meios de comunicação e nas instâncias formais. Em Cabo Verde e na Guiné Bissau, verifica-se, então, uma situação de diglossia na qual duas ou mais línguas coexistem dentro de uma mesma comunidade, mas possuem diferentes funções sociais e comunicativas.

O papiamentu, por seu turno, é uma língua de base ibero-românica (português e espanhol), cuja maioria dos falantes nativos vive em Curaçao – 150 mil pessoas de acordo com o censo de 2011 (CBS, 2012). O papiamentu é a língua oficial (ao lado do holandês) em Curaçao e atualmente tem um *status* social prestigioso quando comparado a outras línguas crioulas. Segundo Quint (2000a), dentre as línguas crioulas do mundo, o papiamentu é provavelmente a mais padronizada, já possuindo uma grafia definida e estando presente em diversas situações comunicativas; ademais, é a língua usada na produção literária, na mídia e nas escolas, sendo comum o ensino bilíngue (holandês e papiamentu).

Curaçao se constitui como uma comunidade multilíngue, com a presença de papiamentu, holandês, espanhol, inglês, entre outras línguas. O multilinguismo pode ser definido como uma situação na qual duas ou mais línguas faladas dentro de uma comunidade (ou por um mesmo indivíduo) gozam do mesmo estatuto, sendo usada em diferentes situações comunicativas e por diversos estratos sociais. Percebe-se, assim, que, a despeito de os três países apresentarem um cenário de convivência de diversas línguas, a situação vivenciada pelos habitantes de Curaçao é diferente daquela vigente na Guiné-Bissau e em Cabo Verde no que tange ao estatuto das línguas: no país caribenho, não há supremacia política no uso das línguas, enquanto que nos países africanos, a convivência entre as diversas línguas gera conflitos políticos (LOPES, 2011; SANTOS, 2015).

No que diz respeito à colonização de Curaçao, além da presença dos colonizadores holandeses, a partir de 1651, a ilha caribenha passou a receber inúmeros judeus sefarditas, oriundos de regiões diversas, como o Brasil (mais especificamente de Recife), Amsterdam, países da Europa, como Itália e Portugal. No decorrer dos séculos, a migração para Curaçao aumentou, com os judeus sefarditas correspondendo a mais de 36% da população branca curaçolense em 1816 (FREITAS, 2016). Esse segmento gozava de prestígio na sociedade, atuando inclusive no

comércio de escravos na região. Além disso, Curaçao recebeu inúmeros missionários falantes de espanhol, que atuaram na difusão da língua na ilha. A presença do espanhol justifica-se ainda em virtude da localização geográfica, circundada por países hispano-falantes.

No que tange ao agrupamento do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu em um único *cluster* (o dos crioulos portugueses da Alta Guiné), Quint (2000b) defende que essas línguas formariam uma família linguística. A fim de sustentar esse posicionamento, o autor primeiramente compara o kabuverdianu com o guineense, apontando similaridades e diferenças das duas línguas com relação a aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais. As semelhanças são tamanhas que o autor propõe uma origem comum (a partir de um protocrioulo hispânico da África ocidental, oriundo do contato do português dos séculos XV e XVI e línguas do oeste africano, notadamente o mandinga e o wolof) e considera, com base em alguns dados históricos, que a língua surgiu na ilha de Santiago, por volta de 1450 a 1550, em Cabo Verde, difundindo-se, mais tarde, para a Guiné (QUINT, 2000b). A separação entre as duas línguas ocorreu na primeira metade do século XVI, a partir do estabelecimento das primeiras feitorias portuguesas na costa ocidental da África e, desde então, as duas línguas têm se desenvolvido de forma independente. Uma das diferenças entre o kabuverdianu e o guineense apontada por Quint (2000b) diz respeito ao maior número de palavras africanas encontrado no crioulo do continente em comparação à língua falada no arquipélago. A explicação para esse quadro, segundo o autor, estaria no fato de que o guineense se manteve em contato com as línguas africanas faladas na região, ao passo que, em Cabo Verde, tal contato não foi conservado e o crioulo que ali se desenvolveu estava sujeito somente às pressões do português.

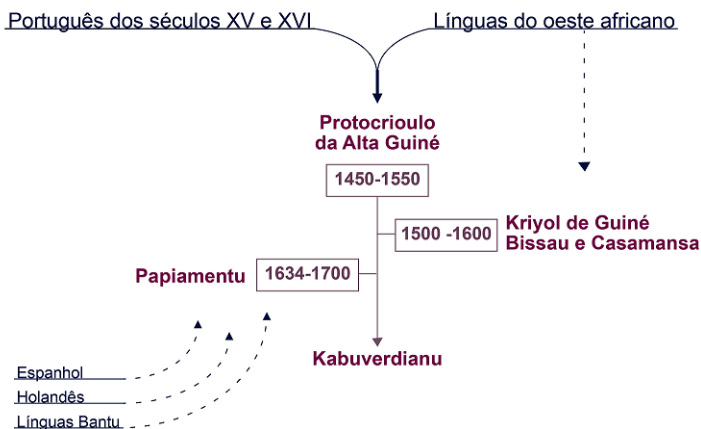
Após tratar das línguas da Alta Guiné, o autor se debruça sobre o papiamentu, que teria surgido a partir da variedade santiaguense do kabuverdianu, provavelmente em meados do século XVII, entre 1634 e 1700 (QUINT, 2000b). Demonstrando o parentesco entre o papiamentu e o kabuverdianu, aparecem alguns aspectos similares nos âmbitos da fonologia, morfologia, sintaxe e itens do léxico funcional. As diferenças entre as duas línguas também são abordadas, buscando-se explicações para elas. Conclui-se que o papiamentu se diferencia do kabuverdianu com relação a quatro características principais: (i) o sistema de tons; (ii) os fenômenos de metafonía; (iii) a ocorrência de vogais médias-altas e

médias-baixas; (iv) a inserção ou o apagamento de vogais em posição final (QUINT, 2000b). Segundo Quint (2000b), essas características divergentes ilustrariam dois traços fundamentais da língua caribenha. Em primeiro lugar, o papiamentu seria mais semelhante às línguas europeias (português, espanhol e holandês) do que o kabuverdianu (não apresentando, por exemplo, consoantes antecedidas por um traço nasal e tendo um número relativamente pequeno de palavras de origem africana), o que poderia ser explicado pelas influências que a língua recebe do espanhol e do holandês. Em segundo lugar, o papiamentu possui alguns elementos africanos provenientes das línguas bantu e kwa e similaridades (ainda que reduzidas em número) com as línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné.

Por fim, o autor discute ainda o elemento espanhol no papiamentu e, para ele, a presença marcante de itens provenientes dessa língua no papiamentu se deve à relexificação parcial em virtude de o espanhol ser bastante usado nos contextos religiosos e possuir grande prestígio (QUINT, 2000b). Em síntese, para Quint (2000b), o kabuverdianu, o guineense e o papiamentu teriam uma origem comum: o protocrioulo da Alta Guiné. Essa asserção se sustenta pelas similaridades entre as três línguas (especialmente entre kabuverdianu e o guineense de um lado, e kabuverdianu e papiamentu de outro), que seriam tão numerosas, segundo o autor, que não poderiam ser tratadas como coincidência ou atribuídas ao acaso. Quanto às características do protocrioulo, o autor esboça uma breve reconstrução de alguns aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos mais gerais com base nos traços compartilhados pelas três línguas, contudo tal análise é feita de forma bem resumida, sendo ainda necessário um estudo que adote os critérios teórico-metodológicos da reconstrução linguística (CAMPBELL, 1998; KAUFMAN, 1990) a fim de caracterizar a protolíngua.

A Figura 1 – construída por Freitas (2016) com base em Quint (2000b, p. 199) – permite visualizar o posicionamento de Quint (2000b) acerca do agrupamento das três línguas:

FIGURA 1 – O grupo das línguas crioulas de base portuguesa da Alta Guiné



Fonte: Freitas (2016, p. 334)

As linhas pontilhadas que ligam as línguas do oeste africano ao guineense (na figura, chamado de Kriyol de Guiné Bissau e Casamansa) indicam que tais línguas passaram a funcionar como adstrato para o guineense, exercendo influências ainda hoje. Já as influências posteriores ao papiamentu são assinaladas pelas linhas pontilhadas ligando o espanhol, o holandês e as línguas bantu à língua caribenha. A partir da figura, é possível conceber algumas das características atribuídas por Quint (200b) às três línguas do *cluster*: em virtude dos contatos com outras línguas, enquanto o guineense seria mais parecido com as línguas africanas de substrato, o papiamentu guardaria mais similaridades com as línguas lexicadoras europeias. Já o kabuverdianu remontaria ao protocrioulo e estabeleceria a ligação entre o papiamentu e o guineense.

Outro autor que também defende a existência do *cluster* das línguas crioulas de base portuguesa da Alta Guiné é Jacobs (2012). Ainda que o foco do seu estudo sejam especificamente as origens do papiamentu, o autor traz argumentos para defender o agrupamento das línguas. Além da extensa quantidade de dados linguísticos que comparam o papiamentu e os crioulos portugueses da Alta Guiné, sobretudo o kabuverdianu, Jacobs (2012) apresenta dados históricos que evidenciam que muitos dos escravos que chegaram a Curaçao nos primeiros anos de colonização da ilha eram provenientes da região da Alta Guiné. A região

de Cacheu deve ser mencionada por seus traços linguísticos. Essa foi a primeira área do continente em que os crioulos da Alta Guiné foram usados, adquirindo o caráter de uma língua franca. A difusão dessas línguas crioulas foi facilitada pelo fato de que muitos dos habitantes de Cacheu eram provenientes de Santiago, tendo migrado para lá em virtude da fome e da subsequente crise que atingiu a ilha no início do século XVII. De Cacheu, esses cabo-verdianos foram transportados como escravos para Curaçao, levando consigo o conhecimento linguístico em crioulos da Alta Guiné.

Neste artigo, advoga-se que o papiamentu, o guineense e o kabuverdianu fazem parte de um *cluster* linguístico (os crioulos de base portuguesa da Alta Guiné) e que o protocrioulo português da Alta da Guiné surgiu em Santiago aproximadamente no fim do século XV; em seguida, essa língua foi levada para Cacheu, de onde se difundiu para outras regiões (JACOBS, 2010). O papiamentu possui uma história de ramificação e desenvolvimento linguístico um pouco distinta do guineense e do kabuverdianu em virtude de seu maior deslocamento geográfico (da África para o Caribe) e da participação do elemento judeu em sua formação. Tais fatores, geográfico e social, influenciaram para que o papiamentu rumasse para outra trajetória de descendência. Desse modo, os estudos sobre a origem do papiamentu devem levar em consideração uma multiplicidade de fatores, além das semelhanças com o kabuverdianu (sobretudo a variedade de Santiago), a saber: as línguas faladas pelos judeus sefarditas e seus escravos – português e papiamentu sefardita –, as línguas africanas dos escravos, o espanhol falado nas regiões circunvizinhas, o holandês. Independentemente do nível maior ou menor de influência, todos esses elementos contribuíram para formar a língua caribenha (FREITAS, 2016).

3 Materiais e métodos

Para a realização deste estudo, foram adotados os seguintes passos. A primeira etapa consistiu na leitura e discussão de material bibliográfico sobre as línguas que compõem o grupo dos crioulos portugueses da Alta Guiné (guineense, kabuverdianu e papiamentu) – englobando aspectos como formação da língua, seu *status*, realidade sociolinguística dos locais em que essas línguas são faladas, entre outros – e, mais especificamente, sobre os sistemas fonológicos dessas línguas, com foco nos quadros

vocálicos e consonantais.¹ Para o guineense, as informações sobre os aspectos fonológicos foram retiradas de Chapouto (2014) e Costa (2014); já para o kabuverdianu e o papiamentu, recorreu-se a Freitas (2016). Como mencionado na introdução, observa-se uma escassez de estudos sobre a fonologia das três línguas de forma mais aprofundada. Diante disso, a seleção dos autores que discutem sobre o guineense se deve ao fato de esses realizarem os poucos estudos fonológicos conhecidos sobre a língua; já Freitas (2016) faz um apanhado de informações coletadas em diversos autores (que serão mencionados nas seções seguintes) acerca do kabuverdianu e do papiamentu.

Como etapa suplementar, foi feita uma consulta a falantes nativos das três línguas. Foram realizados encontros presenciais com os falantes de kabuverdianu, papiamentu e guineense, solicitando-os, na ocasião, que pronunciassem as palavras pertencentes ao *corpus* de análise em frases veículo (“Digo ____ baixinho”), sendo feita a devida gravação, seguida da transcrição fonética. No caso do guineense, os falantes são estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), do *campus* dos Malês. Essa etapa foi importante na medida em que falantes de guineense, em levantamentos anteriores, afirmam que algumas das realizações fonéticas apontadas não são de fato verdadeiras ou mesmo que uma determinada palavra não é realmente usada no guineense, sendo interferência direta do português. Com relação ao kabuverdianu, os dados foram verificados com falantes nativos da língua residentes em São Paulo e na Bahia. Por fim, no que tange ao papiamentu, uma pesquisa de campo com falantes nativos que vivem de Curaçao permitiu verificar as informações. Essa pesquisa foi realizada nos meses de outubro a dezembro de 2011 e entre julho e agosto de 2013.²

Em seguida, depois do estabelecimento dos quadros fonológicos das três línguas a partir dos estudos consultados, foi realizada a comparação desses aspectos, a fim de estabelecer seus elementos convergentes e divergentes e as razões para as diferenças.

¹ Outros aspectos fonológicos, como a estrutura da sílaba e o acento, serão abordados em estudos posteriores.

² Durante a coleta de dados, foram seguidos os seguintes procedimentos éticos básicos exigidos quando se fazem pesquisas com seres humanos: (i) os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constavam informações gerais sobre a pesquisa, concordando em participar do estudo; (ii) os nomes dos informantes foram omitidos na divulgação dos dados.

4 Análise de dados

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os quadros fonológicos vocálicos e consonantais do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu em suas variedades modernas com base na literatura sobre o tema. Além dos quadros, apresentam-se ainda algumas características que diferenciam essas línguas do português.³

4.1 Sistemas vocálico e consonantal do guineense moderno

No que tange ao quadro vocálico, de acordo com Chapouto (2014), o guineense apresenta cinco fonemas: /a, ε, i, ɔ, u/, que podem se manifestar foneticamente – isto é, ter como alofones – como [a ɐ e ε i ɔ o u] (no caso de vogais orais) e [ã ẽ ẽ ĩ ỹ õ ã] (no caso de vogais nasais). Costa (2014), por seu turno, apresenta um quadro um pouco diferente, apontando sete fonemas vocálicos (/a ε e i ɔ o u/). Já as vogais nasais seriam realizações fonéticas desses fonemas: [ĩ ẽ ã õ ã]. A principal diferença entre as duas abordagens diz respeito à série das vogais médias: na análise de Chapouto (2014), há apenas uma vogal média anterior e uma média posterior; enquanto que, para Costa (2014), há dois fonemas na série anterior e dois, na série posterior. Essas diferentes análises são sintetizadas no Quadro 1:

QUADRO 1 – Vogais do guineense segundo Chapouto (2014) e Costa (2014)

----	Chapouto (2014)	Costa (2014)
Vogais	/a ε i ɔ u/	/a ε e i ɔ o u/
Alofones – vogais orais	[a ɐ e ε i ɔ o u]	[a ɐ e ε i i i ɔ o u o]
Alofones – vogais nasais	[ã ẽ ẽ ỹ ỹ õ ã]	[ĩ ẽ ã õ ã]

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Chapouto (2014) e Costa (2014).

Dentre os pares mínimos que comprovariam o estatuto fonêmico, Costa (2014) menciona [ˈsera] ‘cera’ *versus* [ˈsɛra] ‘serra’ e [ˈbota]

³ Apesar de a comparação ser feita com o português, não se deve assumir que o guineense, o kabuverdianu e o papiamentu descendem diretamente do português, mas do protocrioulo da Alta Guiné. A protolíngua ainda não foi reconstruída, o que deve ser feito em estudos futuros, e, por conta disso, neste artigo menciona-se o português, fazendo-se a ressalva de que é possível que muitas das diferenças apontadas já fossem verificadas no próprio estágio do protocrioulo.

‘abandonar’ *versus* [ˈbɔta] ‘bota’. Levantamentos com falantes nativos sugerem que, na verdade, não há oposição entre médias-altas e baixas tanto na série anterior quanto na posterior. Um estudo realizado por Matos (no prelo) comprova essa suposição na medida em que não foram encontrados pares mínimos entre as vogais médias. Na verdade, houve um caso de oposição: [ˈkɔbrɛ] ‘cobra’/ [ˈkɔbrɛ] ‘cobrar’. Contudo, tal oposição não foi realizada por todos os informantes, lançando dúvidas sobre sua produtividade. Assim sendo, o guineense apresenta cinco fonemas vocálicos, com as vogais médias funcionando como alofones entre si ([ɛ] e [e], [ɔ] e [o]):

QUADRO 2 – Vogais do guineense

Vogais	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i		u
Médias-altas	e		o
Médias-baixas			
Baixas		a	

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Chapouto (2014).

Alguns pares mínimos e uma ocorrência de par análogo apontam o caráter fonológico desses elementos – exemplos retirados de Costa (2014) e Chapouto (2014):

- | | |
|---|---|
| (1) /u/ [ˈkuse] ‘coisa’
/ɔ/ [ˈkɔse] ‘coçar’ | (7) /ɛ/ [ˈseku] ‘seco’
/u/ [ˈsuku] ‘suco’ |
| (2) /i/ [ˈlibri] ‘livre’
/ɛ/ [ˈlebrɪ] ‘lebre’ | (8) /i/ [ˈfrite] ‘fritar’
/u/ [ˈfrute] ‘fruta’ |
| (3) /a/ [ˈbake] ‘vaca’
/i/ [ˈbikɛ] ‘tipo de peixe’
/ɔ/ [ˈbɔke] ‘boca’ | (9) /ɛ/ [ˈpege] ‘pegar’
/a/ [ˈpage] ‘pagar’ |
| (4) /ɛ/ [ˈbelɛ] ‘vela’
/ɔ/ [ˈbolɛ] ‘bola’ | (10) /o/ [ˈrosto] ‘rosto’
/ɛ/ [ˈresto] ‘resto’ |
| (5) /e/ [kaˈbelɔ] ‘cabelo’
/a/ [kaˈbalɔ] ‘cavalo’ | (11) /u/ [ˈdudo] ‘doido’
/ɛ/ [ˈdedɔ] ‘dedo’ |
| (6) /ɛ/ [ˈpɛrte] ‘apertar’
/ɔ/ [ˈpɔrte] ‘porta’ | (12) /e/ [ˈmedo] ‘medo’
/i/ [ˈmidi] ‘medir’ |

Outro aspecto que foi despertado a partir desses levantamentos diz respeito às vogais com o traço nasal: em alguns casos, essas vogais parecem ser realizadas foneticamente com uma nasalização menor do que aquela verificada no português e, além disso, para algumas palavras, é possível supor que uma consoante nasal esteja presente. Tais realizações podem implicar diferenças na análise fonológica das vogais com o traço nasal. Ademais, de acordo com Scantamburlo (1981), as vogais nasais em itens de étimo português tendem a se realizar em guineense como uma sequência de vogal oral e consoante nasal (VN), contudo o autor encontrou também processos de desnasalização simples. Tal desnasalização se deve provavelmente às línguas atlânticas, em especial, e bantas, línguas que contribuíram para a formação de crioulos atlânticos como o guineense (PARKVALL, 2012).

Com relação ao sistema consonantal, o guineense apresentaria os seguintes fonemas:

QUADRO 3 – Consoantes do guineense

Consoantes	Labiais	Dentais/Alveolares	Alveopalatais	Palatais	Velares
Oclusivas	p b	t d			k g
Nasais	m	n		ɲ	
Fricativas	f v	s z			
Africadas			tʃ dʒ		
Laterais		l			
Vibrante		r			

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Costa (2014).

O estatuto fonológico desses elementos pode ser depreendido a partir de alguns pares mínimos e uma ocorrência de par análogo – exemplos retirados de Costa (2014) e Chapouto (2014):

- | | |
|---|--|
| (13) /p/ [ka'pas] 'capaz'
/b/ [ka'bas] 'recipiente' | (19) /v/ [v'ew] 'véu'
/s/ [s'ew] 'cêu' |
| (14) /t/ [t'isi] 'trazer'
/d/ [d'isi] 'descer' | (20) /s/ [s'elɔ] 'selo'
/z/ [z'elɔ] 'zelo' |
| (15) /k/ [k'arɛ] 'cara'
/g/ [g'arɛ] 'agarrar' | (21) /d/ [d'udɔ] 'doido'
/dʒ/ [dʒudʒɔ] 'joelho' |
| (16) /m/ [m'kamɛ] 'cama'
/n/ [n'kanɛ] 'cana, bambu'
/ɲ/ [ɲ'kanɛ] 'tipo de bolo' | (22) /t/ [t'tomɛ] 'tomar'
/tʃ/ [tʃomɛ] 'chamar' |
| (17) /f/ [f'fɛrɛ] 'feira'
/s/ [s'sɛrɛ] 'serra' | (23) /tʃ/ [tʃ'ubɪ] 'chover'
/dʒ/ [dʒ'ubɪ] 'olhar' |
| (18) /v/ [v'nɔvɪ] 'nove'
/b/ [b'ɔbɪ] 'ouvir' | (24) /l/ [l'lapɛ] 'golpear'
/r/ [r'rapɛ] 'arranhar' |

No âmbito das consoantes nasais, alguns autores, como Costa (2014), apontam a existência do fonema /ɲ/, consoante que, segundo a autora, seria proveniente das línguas de substrato. Para Costa (2014), esse seria um fonema da língua, já que os informantes o identificam dessa forma e não admitem variação. Contudo, o estatuto fonêmico da nasal velar é controverso. Chapouto (2014), por exemplo, defende que [ɲ] não seria fonema no guineense pelo fato de só ocorrer em uma posição específica (início de palavra) e em um número reduzido de palavras (geralmente mandingas). Para a autora, haveria então um único fonema /ɲ/, que pode ser realizado como [ɲ] ou [ɲ̃], sendo a escolha por representar o fonema como /ɲ/ guiada pelo fato de a realização com [ɲ] ser mais frequente e associada sempre à posição de onset. Diante dessa controvérsia, no presente estudo, optou-se por seguir a postura de Chapouto (2014), considerando somente a nasal palatal como fonema. Os argumentos para defender esse posicionamento seriam (i) o fato de não terem sido encontrados pares mínimos em que a presença da nasal velar fosse distintiva, levando a uma mudança de significado e (ii) a ocorrência da nasal velar em contextos específicos – final de palavra e final de sílaba com consoante velar na sílaba seguinte.

O inventário das consoantes fricativas também costuma provocar discussão entre os estudiosos. Para Chapouto (2014), apenas /f/ e /s/ seriam fonemas no guineense, uma vez que [v z ʒ ʒ] ocorrem apenas em palavras novas da língua e que variam com outras formas já existentes e

integradas à língua (como em [ˈvɛrdi] ~ [ˈbɛrdi] ‘verde’, [ˈpresu] ~ [ˈprezu] ‘preso’, [ʃɔkɔˈlati] ~ [tʃɔkɔˈlati] ‘chocolate’, [ʒuvɛˈtudi] ~ [dʒuvɛˈtudi] ‘juventude’), sendo o uso destes fones uma influência (posterior) do português. Outro argumento apontado pela autora é a ausência destes segmentos em línguas de adstrato da Guiné-Bissau: [v], [ʃ] e [ʒ] não aparecem no manjaco e no pepel; apenas /ʃ/ tem estatuto de fonema no mancanha e o fula possui os fonemas /ʃ/ e /ʒ/.

Já Costa (2014) defende um quadro diferente, apontando como fonemas /f v s z/. Para a autora, /v z/ são fonemas da língua na medida em que aparecem em muitas ocorrências do *corpus* em oposição com outros segmentos, como em [ˈvivi] ‘viver’ *versus* [ˈbibi] ‘beber’ e [ˈlizo] ‘liso’ *versus* [ˈriso] ‘rijo, firme’. Ademais, os informantes relevaram que palavras pronunciadas por eles com [v z] estavam cristalizadas dessa forma na língua. No que tange ao /v/, há inclusive casos de variação entre [b] e [v] (como [ˈvĩɲo] ~ [ˈbĩɲo] ‘vinho’ e [ˈlivɾo] ~ [ˈlibɾo] ‘livro’) e casos de palavras produzidas sempre com [v] (como [ˈarvɔɾi] ‘árvore’ e [ˈnɔvi] ‘nove’) (COSTA, 2014).

Quanto ao [ʃ], Costa (2014) aponta que esse segmento funciona como alofone de /s/ em alguns vocábulos, como em [ʃkɔlə] ~ [skɔlə] ‘escola’, [ˈfɛʃtɐ] ~ [ˈfɛstɐ] ‘festa’. No que tange a [ʃ ʒ ʎ], a autora traz três razões para não considerá-los como fonemas: i) ocorrências em casos isolados, como em [ʃaˈtiɐ] ‘chatear’ e [iˈɡɾɛʒɐ] ‘filho’; ii) não foram encontrados pares mínimos (própria escassez de dados); iii) todas as ocorrências de [ʎ] variam com [dʒ] ou [dj], como em [ˈfiʎo] ~ [ˈfidjɔ] ~ [ˈfidʒɔ] ~ [ˈfidiɔ] ‘filho’.

Além desses segmentos, há ainda no guineense consoantes articuladas com um elemento nasal inicial: [mp mb nt nd ŋk ŋg ntʃ ndʒ nf nv ns nz], contudo tais consoantes não têm estatuto fonológico, sendo formadas por uma consoante nasal não especificada + consoante oral.

4.2 Sistemas vocálico e consonantal do kabuverdianu moderno

No que tange ao quadro vocálico, o kabuverdianu possui nove fonemas (BRÜSER *et al.*, 2002; LANG *et al.*, 2002):

QUADRO 4 – Vogais do kabuverdianu

Vogais	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i		u
Médias-altas	e		o
Médias-baixas	ɛ	ɐ	ɔ
Baixas	a		

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002).

O carácter fonológico de tais segmentos é confirmado por alguns pares mínimos – exemplos retirados de Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002):

- | | |
|--|--|
| (25) /e/ [ˈfɛrɛ] ‘feira’
/ɛ/ [ˈfɛrɛ] ‘fera’ | (31) /i/ [ˈliɣɛ] ‘prestar atenção’
/u/ [ˈlugɛ] ‘alugar’ |
| (26) /o/ [ˈorɛ] ‘orar, rezar’
/ɔ/ [ˈɔrɛ] ‘hora’ | (32) /a/ [ˈbakɛ] ‘vaca’
/ɔ/ [ˈbɔkɛ] ‘boca’ |
| (27) /ɐ/ [ˈpɛrti] ‘partir’
/a/ [ˈpartɪ] ‘parte’ | (33) /u/ [ˈbulɪ] ‘preocupar’
/o/ [ˈbolɪ] ‘tipo de cabaça’ |
| (28) /e/ [ˈmɛs] ‘mês’
/o/ [ˈmos] ‘rapaz’ | (34) /ɛ/ [ˈsɛkɔ] ‘seco’
/a/ [ˈsakɔ] ‘saco’ |
| (29) /ɛ/ [ˈrɛstɔ] ‘resto’
/ɔ/ [ˈrɔstɔ] ‘rosto’ | (35) /ɐ/ [ˈmɛ] ‘que’
/o/ [ˈmo] ‘mão’ |
| (30) /e/ [ˈlɛ] ‘ler’
/ɐ/ [ˈlɛ] ‘lá’
/i/ [ˈli] ‘aqui’ | (36) /i/ [ˈsinɛ] ‘perigo’
/ɛ/ [ˈsɛnɛ] ‘1. cena, 2. sena’ |

Além das vogais orais, há ainda vogais nasais: [ĩ, ẽ, ẽ̃, õ, ã]. Fonologicamente, defende-se que o kabuverdianu não possui vogais nasais, mas sim vogais foneticamente nasalizadas, consideradas, do ponto de vista fonológico, como uma combinação de vogal oral + uma consoante nasal. Tal análise se apoia no fato de a língua não apresentar oposição entre vogais nasais e vogais nasalizadas (como /õ/ *versus* /oN/, como se observa em francês, por exemplo).

Quanto à oposição entre as vogais médias e entre [a] e [ɐ], conjectura-se que se trata de um desenvolvimento recente (possivelmente os estágios mais antigos da língua não apresentavam tal oposição). O

fato de serem encontrados pares mínimos (conforme exemplos (27), (30), (32), (34) e (35)) justifica a inclusão desses elementos como fonemas do kabuverdianu. Ademais, Lang *et al.* (2002) trazem exemplos de pares mínimos e análogos de itens verbais e nominais que envolvem somente a altura das vogais tônicas – como [ˈpenɐ] ‘depenar’ *versus* [ˈpenɐ] ‘pena’; [ˈfɔgɐ] ‘afogar(-se)’ *versus* [ˈfɔgɐ] ‘afogamento’; [ˈsɛbi] ‘saber’ *versus* [ˈsabi] ‘agradável’ –, o que pode apontar para uma produtividade da oposição entre as vogais médias altas e baixas e as vogais centrais.

No que tange ao quadro consonantal, seguindo Rodrigues (2007), há vinte fonemas no kabuverdianu:

QUADRO 5 – Consoantes do kabuverdianu

Consoantes	Labiais	Dentais/Alveolares	Alveopalatais	Palatais	Velares
Oclusivas	p b	t d			k g
Nasais	m	n		ɲ	
Fricativas	f v	s z		ʃ ʒ	
Africadas			tʃ dʒ ⁴		
Laterais		l		ʎ	
Vibrante		r			

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Rodrigues (2007).

⁴ A existência de consoantes africadas (ou melhor, a representação de tais consoantes como africadas –/tʃ/ e /dʒ/ – ou oclusivas palatais –/c/ e /j/) no kabuverdianu (e mesmo no guineense) tem sido discutida por alguns autores. Quint (2000b) defende que o kabuverdianu possui as consoantes africadas, ao passo que o guineense apresentaria as oclusivas. Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002), por seu turno, em lugar das africadas, defendem a existência das consoantes oclusivas palatais /c/ e /j/ no kabuverdianu. Contudo, a realização realmente oclusiva de tais segmentos é questionada pelos próprios autores. Lang *et al.* (2002, p. 107) afirmam que “os dois fonema [sic] palatais /c/ e /j/ e as suas correspondências nasalizadas não são oclusivas em sentido estrito, mas africadas.” Para os autores, /c/ e /j/ seriam mais complexas do que as demais consoantes oclusivas e teriam uma realização mais próxima das africadas. Para os autores, a justificativa para o caráter oclusivo dessas consoantes seria o fato de se tratar de consoantes simples e verdadeiramente palatais. Nesse estudo, optamos por considerar os fonemas africados em virtude de (i) mesmo os autores que defendem o estatuto oclusivo apontarem a realização africada como a mais usual e (ii) os argumentos para o caráter oclusivo não serem, até então, apresentados de forma contundente.

Alguns pares mínimos e dois pares análogos justificam o estatuto fonológico dos segmentos consonantais – exemplos retirados de Brüser *et al.* (2002) e Lang *et al.* (2002):

- | | |
|--|--|
| (37) /p/ [ˈlapɐ] ‘gruta, lapa’
/b/ [ˈlabɐ] ‘lavar’ | (45) /s/ [ˈsanɡɪ] ‘sangue’
/z/ [ˈzɑŋgɐ] ‘zangar(-se)’ |
| (38) /t/ [ˈbɔtɪ] ‘bote’
/d/ [ˈbɔdɪ] ‘bode’ | (46) /s/ [ˈmɪsɐ] ‘missa’
/ʃ/ [ˈmɪʃɐ] ‘urinar’ |
| (39) /k/ [ˈsekʊ] ‘seco’
/g/ [ˈsegʊ] ‘cego’ | (47) /ʃ/ [ˈʃɛrɐ] ‘cheirar’
/ʒ/ [ˈʒɛrɐ] ‘gerar’ |
| (40) /m/ [ˈmos] ‘jovem, rapaz’
/n/ [ˈnos] 1ª pessoa plural | (48) /tʃ/ [ˈfitʃɐ] ‘fechar’
/dʒ/ [ˈfidʒɐ] ‘filha’ |
| (41) /m/ [ˈkɛmɐ] ‘queimar’
/ɲ/ [ˈkɛɲɐ] ‘quem’ | (49) /ʃ/ [ˈʃuʃɐ] ‘sujar’
/tʃ/ [ˈtʃutʃɐ] ‘namorada’ |
| (42) /f/ [ˈfakɐ] ‘faca’
/v/ [ˈvakɐ] ~ /b/ [ˈbakɐ] ‘vaca’ | (50) /ʒ/ [ˈʒarʊ] ‘jarro’
/dʒ/ [ˈdʒar] ‘ilha’ |
| (43) /b/ [ˈbɪrɐ] ‘transformar (-se)’
/v/ [ˈvɪrɐ] ‘virar(-se)’ | (51) /l/ [ˈilɐ] ‘torar (milho)’
/ʎ/ [ˈiʎɐ] ‘ilha’ |
| (44) /p/ [ˈpatʊ] ‘pato’
/f/ [ˈfatʊ] ‘fato (roupa)’ | (52) /l/ [ˈmalɐ] ‘mala’
/r/ [ˈmarɐ] ‘amarrar’ |

Além dessas consoantes, de acordo com Quint (2000a), o kabuverdiano possui ainda uma nasal velar. Entretanto, nesse estudo adota-se o posicionamento de Lang *et al.* (2002), que consideram o [ŋ] como um fone que pode ocorrer em posição final de palavra ou anteceder uma consoante oclusiva, uma vez que nos registros coletados por esses autores a nasal velar costuma variar com outras realizações (como uma vogal oral + uma consoante nasal [m], [n] ou [ŋ]).

Dentre os fonemas consonânticos do kabuverdiano, as fricativas sonoras e a nasal palatal costumam ser tema de discussão. Lang *et al.* (2002) advogam que nos primórdios da língua, os fonemas /v z ʒ ʎ/ estavam ausentes; desse modo, é possível conjecturar que, no começo da colonização de Cabo Verde, em empréstimos do português, tais segmentos eram realizados respectivamente como [b s ʃ dʒ]. Com o desenvolvimento da língua, essas substituições cessaram e as fricativas

sonoras e a nasal palatal foram incorporadas ao quadro de fonemas da língua com a entrada de novos empréstimos, sendo hoje segmentos nativizados no kabuverdianu.

No âmbito fonético, o kabuverdianu apresentaria consoantes precedidas de uma realização nasal: [ᵐp ᵐb ᵐt ᵐd ᵐk ᵐg ᵐf ᵐv ᵐs ᵐz ᵐʃ ᵐʒ ᵐtʃ ᵐdʒ ᵐl ᵐr], cujo estatuto fonológico seria o de nasais silábicas com o traço nasal (N) assumindo o ponto de articulação da consoante seguinte. Assim sendo, a nasal silábica realiza-se como [ᵐ] diante das labiais /p b/, como [ᵐ] diante das alveolares /t d s z l n/, como [ᵐ] diante das velares /k g/, como [ᵐ] diante das palatais [ʃ ʒ tʃ dʒ] e como [ᵐ] diante das labiodentais /f v/.

4.3 Sistemas vocálico e consonantal do papiamentu moderno

Com relação ao sistema vocálico, o papiamentu possui nove fonemas (HARRIS, 1951; KOUWENBERG; MURRAY, 1994):

QUADRO 6 – Vogais do papiamentu

Vogais	Anteriores		Posteriores
	Arredondadas	Não-arredondadas	
Altas	i	y	u
Médias-altas	e	ø	o
Médias-baixas	ɛ		ɔ
Baixas	a		

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Harris (1951) e Kouwenberg e Murray (1994).

O estatuto fonológico das vogais é evidenciado pelos seguintes pares mínimos – exemplos retirados de Souza Neto (no prelo) e Ratzlaff-Henriquez (2008):

- (53) /e/ [ˈbes] ‘vez’
 /ɔ/ [ˈbɔs] ‘voz’
 /ø/ [ˈbøʃ] ‘van, ônibus’
 /o/ [ˈbos] ‘1. voz, 2. trovão’
- (54) /i/ [ˈpis] ‘1. psiu, 2. adorno de carnaval’
 /y/ [ˈpys] ‘lilás’
 /o/ [ˈpos] ‘poço’
 /u/ [ˈpus] ‘pus (substantivo)’
- (55) /o/ [ˈdof] ‘chato, sem graça’
 /ɔ/ [ˈdɔf] ‘surdo’
- (56) /ɛ/ [ˈnɛtʃi] ‘legal’
 /e/ [ˈnɛtʃi] ‘noz, avelã’
- (57) /i/ [ˈmisa] ‘missa’
 /e/ [ˈmesa] ‘mesa’
- (58) /ɛ/ [ˈdek] ‘prenhe’
 /e/ [ˈdek] ‘sola’
- (59) /u/ [ˈbuk] ‘comprar passagens’
 /ø/ [ˈbøk] ‘1. abaixar, 2. reduzir’
- (60) /a/ [ˈkama] ‘cama’
 /i/ [ˈkima] ‘queimar’
- (61) /o/ [ˈkor] ‘couro’
 /ø/ [ˈkør] ‘inspecionar’
- (62) /u/ [ˈskur] ‘escuro’
 /y/ [ˈskyr] ‘lixar, polir’
- (63) /u/ [ˈkura] ‘1. cura, 2. curar’
 /a/ [ˈkara] ‘cara’
- (64) /e/ [ˈkere] ‘crer’
 /o/ [ˈkore] ‘correr’
- (65) /o/ [ˈsoru] ‘cuidar’
 /e/ [ˈseru] ‘montanha’
- (66) /o/ [ˈso] ‘sozinho’
 /u/ [ˈsu] ‘seu, sua’
- (67) /a/ [ˈbala] ‘bala’
 /e/ [ˈbela] ‘vela’
- (68) /a/ [ˈpatʃi] ‘pai’
 /ɛ/ [ˈpɛtʃi] ‘boné’

As vogais anteriores arredondadas ([y, ø]) ocorrem em palavras oriundas do holandês e do inglês e, com frequência, variam livremente com as suas correspondentes não arredondadas: [i, u] (no caso de [y]) e [e] (no caso de [ø]), como em (i) [ˈhyr] ~ [ˈhir] ‘alugar’; (ii) [vyrˈpejɫ] ~ [vuˈpejɫu] ‘1. fogos de artifício, 2. foguete (em Curaçao)’; (iii) [ˈbrøj(ŋ)] ~ [ˈbrɛj(ŋ)] ‘1. marrom, 2. escuro’. O fato de as vogais arredondadas serem intercambiáveis com as variantes não arredondadas levou alguns autores (HARRIS, 1951; LENZ, 1928) a desconsiderarem as vogais arredondadas do quadro fonológico da língua. Essa postura, contudo, mostra-se precipitada, uma vez que Souza Neto (em elaboração), em trabalho de campo, registrou a ocorrência de pares mínimos, como apresentado nos exemplos (53), (54), (59), (61) e (62).

Com relação às vogais médias, autores como Andersen (1974) questionam o estatuto fonológico das médias-baixas, sugerindo que [ɛ] e [ɔ] seriam variantes das vogais [e] e [o]. Em trabalho de campo, foram encontrados casos de variação entre [ɛ] e [e] e entre [ɔ] e [o], como em (i) [merˈdia] ~ [merˈdia] ‘meio-dia’; (ii) [bɔfta] ~ [bofta] ‘tapa, bofetada’.

Entretanto, a existência de pares mínimos (conforme apresentado nos exemplos (55), (56) e (58)), mostrando o contraste entre /e/ e /ɛ/ e /o/ e /ɔ/, respectivamente, reafirma o caráter fonológico de tais vogais.

Além das vogais orais, há ainda as vogais realizadas foneticamente com nasalidade. Tais vogais não possuem estatuto fonológico (já que não há oposição entre vogais nasais e vogais nasalizadas, como entre /ẽ/ e /eN/), sendo consideradas como uma combinação de vogal oral + consoante nasal, tendo, assim, natureza bifonêmica.

No que concerne ao inventário consonantal, baseado em Kouwenberg e Murray (1994), o papiamentu possui vinte e um fonemas:

QUADRO 7 – Consoantes do papiamentu

Consoantes	Labiais	Dentais/ Alveolares	Alveopalatais	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	p b	t d			k g	
Nasais	m	n		ɲ		
Fricativas	f v	s z		ʃ ʒ	x	h
Africadas			tʃ dʒ			
Laterais		l				
Vibrante		r				

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Kouwenberg e Murray (1994).

Alguns pares mínimos e análogos permitem afirmar o estatuto fonológico dos segmentos consonantais – exemplos retirados de Souza Neto (no prelo) e Ratzlaff-Henriquez (2008):

- | | |
|---|--|
| (69) /p/ [ˈpara] ‘pássaro’
/b/ [ˈbara] ‘barra’ | (77) /z/ [ˈʃap] ‘mercadinho’
/z/ [ˈʒar] ‘louça de barro’ |
| (70) /t/ [ˈtata] ‘pai’
/d/ [ˈdata] ‘datar’ | (78) /h/ [ˈhède] ‘gente’
/t/ [ˈrède] ‘render, dar’ |
| (71) /k/ [ˈkãna] ‘caminhar’
/g/ [ˈgãna] ‘ganhar’ | (79) /h/ [ˈtaha] ‘proibir’
/p/ [ˈtapa] ‘tapar’ |
| (72) /m/ [ˈkãma] ‘cama’
/n/ [ˈkãna] ‘caminhar’
/ɲ/ [ˈkãɲa] ‘cama’ | (80) /g/ [ˈfigu] ‘figo’
/x/ [ˈfixo] ‘fixo’ |
| (73) /ɲ/ [ˈɲapa] ‘nada’
/p/ [ˈɲapa] ‘porção extra’ | (81) /ʃ/ [ˈʃɔp] ‘loja’
/tʃ/ [ˈtʃɔp] ‘cortar, derrubar’ |
| (74) /f/ [ˈfja] ‘emprestar’
/v/ [ˈvja] ‘através de, por meio de’ | (82) /tʃ/ [ˈtʃɛk] ‘checar, examinar’
/dʒ/ [ˈdʒɛk] ‘levantar, içar’ |
| (75) /s/ [ˈsoja] ‘despelar’
/z/ [ˈzoja] ‘balançar’ | (83) /l/ [ˈlesa] ‘ler’
/r/ [ˈresa] ‘rezar’ |
| (76) /s/ [ˈsɛɲ] ‘dinheiro, centavo’
/ʃ/ [ˈʃɛɲ] ‘cem’ | (84) /r/ [ˈmara] ‘amarrar’
/t/ [ˈmata] ‘1. mato, 2. matar’
/s/ [ˈmasa] ‘massa’
/n/ [ˈmana] ‘maná’ |

Em primeiro lugar, há um questionamento acerca do estatuto fonológico da série de fricativas sonoras ([v z ʒ]) devido ao fato de tais consoantes serem usadas em um número reduzido de palavras e frequentemente variarem com outras (suas contrapartes surdas ou a oclusiva com mesmo ponto de articulação no caso do [v]). Com relação ao fonema fricativo labiodental (/v/), por exemplo, em muitas palavras do papiamentu, há uma alternância entre [v] e [f], [v] e [b], como se vê em [ˈfris] ~ [ˈvris] ‘congelar’, [faˈbor] ~ [faˈvor] ‘favor’ (KOUWENBERG; MURRAY, 1994; exemplos retirados desses autores). Observando a fala das pessoas atualmente – conversando com falantes nativos e realizando gravações –, foi possível perceber que as fricativas sonoras [v z ʒ] ocorrem no papiamentu. Há grande variação, sobretudo na fala de pessoas mais velhas, mas não se pode negar a ocorrência de tais consoantes sonoras no papiamentu moderno. Dentre os exemplos de [v] colhidos com falantes curaçolênhos, foram encontrados os seguintes casos: (i) pares mínimos: a. [ˈvis] ‘peixe (palavra holandesa usada no papiamentu de Curaçao) versus [ˈfis] ‘sujo, nojento’; (ii) apenas um dos fonemas é possível: a. [frivoliˈdat] (*[frifoliˈdat], *[vrivoliˈdat], *[vrifoliˈdat])

‘frivolidade’; b. [divi'divi] (*[dibi'dibi]) ‘dividivi (espécie de planta) *Caesalpinia coriaria*’; (iii) variação entre [v] e [f]: a. [ʋɛɫ] ~ [ʋɛɫt] ‘campo’; b. [vrũ'mũ(ŋ)] ~ [fru'mũ(ŋ)] ‘parteira’.

No caso da fricativa sonora palatal (/ʒ/), é possível considerar que talvez esse fonema seja de fato característico dos judeus – como afirmado por Jacobs (2012) –, tendo se difundido no papiamentu a partir desse grupo. O vocabulário característico da variedade de papiamentu dos judeus sefarditas posteriormente se difundiu para a variedade geral da língua. No papiamentu moderno, o mesmo significado possui dois significantes (um deles relacionado aos sefarditas). É o caso, por exemplo, de (i) [ʒuzũ'a] ~ [ʃjuna] ‘jejuar’; (ii) [ʃzejtu] ~ [ʃmõdu] / [ma'nera] ‘jeito, modo, maneira’.

Por fim, com relação à fricativa sonora dental (/z/), em trabalho de campo, foi possível observar, em algumas palavras, variação entre formas com [s] e [z], como em [ʃrasu] ~ [ʃrazu] ‘enfurecido, em frenesi, com muita raiva, rebelde’ e [ʃusa] ~ [ʃuza] ‘usar’, com uma maior preferência pelas formas com [s].

Com relação às fricativas velares e glotais, em algumas palavras, há alternância entre /x/ e /h/ em início de sílaba (como em *gêspo* [ʃxɛspo] ~ *hêspu* [ʃhɛspu] ‘fivela’). Essa variação, que ocorre em algumas palavras, distingue as pronúncias de Curaçao (que prefere usar /h/) e de Aruba (que opta preferencialmente por /x/) (KOUWENBERG; MURRAY, 1994). Assim sendo, são necessários estudos mais aprofundados para deslindar se de fato a língua possui dois fonemas ou se se trata de dois alofones de um mesmo fonema (como é o caso do português brasileiro).

Foneticamente, pode-se apontar ainda a existência de uma consoante nasal velar ([ŋ]), que ocorre em final absoluto de palavra e antes de uma consoante oclusiva velar, como em bo[ŋ] ‘bom’ e ra[ŋ]ka ‘puxar’, respectivamente. No primeiro caso, a realização velar da consoante é o padrão, exceto quando a palavra termina em [ən], como em hóben [ʃho.bən] ‘jovem’. Já no segundo caso, a consoante nasal assimila os traços de ponto da consoante seguinte.

4.4 Comparação entre as fonologias das três línguas

Ao comparar os sistemas fonológicos do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu, é possível encontrar similaridades e diferenças. Antes de passar à discussão, é importante ressaltar que

essa primeira comparação, de caráter preliminar, não pretende atribuir taxativamente as similaridades ou divergências ao contato ou qualquer outra razão; o objetivo é simplesmente tentar estabelecer quais são os traços que convergem e divergem para, num segundo momento, de fato analisar tais aspectos com mais detalhes, entendendo os possíveis condicionamentos, como influência do substrato e das línguas faladas na Guiné-Bissau. É consabido que nem todos os traços de uma língua crioula podem ser atribuídos ao contato linguístico, sendo necessário considerar outras questões; é reconhecida também a dificuldade de abordar as línguas do substrato uma vez que ainda há poucas descrições científicas sobre tais línguas e o rótulo ‘substrato’ por vezes é usado desconsiderando a diversidade de línguas envolvidas.

No que tange ao quadro vocálico, o Quadro 8 compara os inventários das três línguas:

QUADRO 8 – Similaridades e diferenças entre as vogais das três línguas

	Guineense	Kabuverdianu	Papiamentu
Vogais compartilhadas pelas três línguas	/i e a o u/		
Vogais compartilhadas pelo kabuverdianu e papiamentu	----	/ɛ ɔ/	
Vogais privativas do papiamentu	----	----	/y ø/

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se que as três línguas possuem as vogais /i e a o u/. O guineense, contudo, não possui fonologicamente a série das médias-baixas (/ɛ ɔ/), presentes no kabuverdianu e no papiamentu. Por outro lado, a partir da análise dos grupos linguísticos atlânticos e mandês, substratos dos crioulos portugueses da Alta Guiné, 67% das línguas do grupo atlântico e 75% do grupo mandês apresentam quatro graus de abertura vocálica, isto é, fazem distinção entre vogais semiabertas e semifechadas (PARKVALL, 2012, p. 61). Logo, era esperado que o guineense, tal como o kabuverdianu e papiamentu, tivesse preservado tais traços vocálicos de seu substrato.

Outra inovação recente seria a presença do /v/ em kabuverdianu, havendo inclusive questionamentos acerca do estatuto fonêmico desse segmento e sua difusão na língua. De acordo com Quint (2000a), a

oposição entre /a/ e /ɐ/ não seria difundida em kabuverdianu, sendo encontrada somente na variedade santiaguense.

Ainda com relação ao quadro vocálico, o papiamentu apresenta as vogais arredondadas /y ø/, ausentes da variedade setecentista e oitocentista da língua. A incorporação desses segmentos ao papiamentu (que figuram em um número pequeno de vocábulos com relação ao vocabulário total da língua) ocorreu em um período posterior à formação da língua sobretudo devido ao contato com o holandês nos últimos 200 anos. Uma razão para se entender tais vogais como incorporação recente é o fato de os falantes de papiamentu monolíngues nascidos antes de 1910 não apresentarem essas vogais nos dados coletados pelo autor em seus registros (BAUM, 1976, p. 86 *apud* PARKVALL, 2012, p. 67).

Passando ao sistema consonantal, o Quadro 9 traz a comparação entre as línguas:

QUADRO 9 – Similaridades e diferenças entre as vogais das três línguas

	Guineense	Kabuverdianu	Papiamentu
Consoantes compartilhadas pelas três línguas	/p b t d k g m n ɲ f v s z tʃ dʒ l r/		
Consoantes compartilhadas pelo kabuverdianu e papiamentu	----	/ʃ ʒ/	
Consoantes privativas do kabuverdianu	----	/k/	----
Consoantes privativas do papiamentu	----	----	/x h/

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se que o guineense, o kabuverdianu e o papiamentu compartilham dezessete fonemas: /p b t d k g m n ɲ f v s z tʃ dʒ l r/. Esse é inclusive o quadro fonológico do guineense, não havendo nenhum segmento (vocálico ou consonantal) que seja privativo a essa língua, não aparecendo nas demais. Esse cenário permite sugerir que o guineense estaria mais próximo do protocioulo que originou as demais línguas, tema que ainda carece de mais análises.

Um ponto compartilhado entre as três línguas que merece ser mencionado é a existência de um único fonema vibrante, não havendo a

distinção do português entre *caro* e *carro*. Observa-se que, em guineense, kabuverdianu e papiamentu, há variação entre a vibrante simples e a múltipla, com preferência por uma ou outra forma a depender do contexto. Costa (2014) afirma que o /r/ do guineense estaria em uma posição intermediária entre a vibrante simples e a múltipla. Essa ausência de oposição entre as vibrantes em línguas crioulas é discutida por Clements (2014). Em sua análise, o autor conclui que nenhum dos crioulos atlânticos analisados (kabuverdianu, guineense, santome,⁵ angolano, palenquero, papiamentu) apresenta oposição fonêmica entre /r/ e /r/. Esse quadro confirma a afirmação de Ladefoged e Maddieson (1996) de que a maior parte das línguas do mundo possui apenas um rótico em seus quadros fonológicos. No caso do guineense e do kabuverdianu, a ausência da distinção poderia ser explicada, de acordo com Clements (2014), por dois fatores: (i) a multiplicidade de línguas faladas nos dois espaços, o que dificultaria o acesso ao padrão de róticos da variedade portuguesa; (ii) a inexistência de contraste entre /r/ e /r/ no wolof, principal língua de substrato em Cabo Verde e na Guiné-Bissau. Já a inexistência de oposição entre as duas vibrantes em papiamentu é apontada pelo autor como podendo decorrer dos seguintes fatos: (i) o número de escravos nas plantations curaçolenhas era pequeno, não ultrapassando 300. Assim, a influência das línguas faladas pelos cativos (algumas delas apresentando a oposição entre as vibrantes) seria diminuta; (ii) o quicongo, uma das principais línguas maternas dos escravos, não possui róticos. Para o autor, a distinção entre a vibrante simples e a múltipla (ou, como observado, a variação entre as duas) teria sido introduzida posteriormente a partir do espanhol. Pode-se conjecturar ainda que tal diferenciação seja uma característica do português.

As diferenças entre as línguas situam-se principalmente no âmbito das consoantes fricativas: o kabuverdianu e o papiamentu possuem /ʃ ʒ/, ao passo que o papiamentu apresenta ainda /x h/. No quadro do kabuverdianu, se faz presente ainda /ʎ/.

A partir da discussão de Costa (2014), é possível conjecturar que havia uma flutuação no uso das fricativas palatais no português do século XVI (aquele que foi levado para a colonização do Novo Mundo e esteve

⁵ Nomenclatura conforme o dicionário santome-português (ARAÚJO; HAGEMEIJER, 2013).

presente na formação das línguas crioulas da Alta Guiné), as quais, por vezes, variavam com as fricativas dentais e as africadas. Essa pode ser uma explicação para a presença de /ʃʒ/ em apenas algumas das línguas, sendo uma incorporação posterior.

No que diz respeito ao /h/ do papiamentu, tal fonema não aparecia na variedade clássica (termo que abarca a variedade linguística entre 1825 e 1905), com o grafema <h> desse período sendo apenas gráfico. No papiamentu moderno, as palavras iniciadas por <h>, em geral, são pronunciadas com uma consoante aspirada ([h]), havendo também casos de variação com Ø – cenário também apontado por Lenz (1928).

Quanto ao /k/ do kabuverdianu, tal fonema não aparece nos estudos da variedade clássica (estágio da língua que se estende de 1880 a 1936). Segundo Coelho (1967 [1880]), em empréstimos do português que entraram no kabuverdianu, o /k/ passou a [j], como palha > paja. Já para Quint (2000a), o processo de adaptação do /k/ português passou inicialmente pela despalatalização da consoante (*lj), chegando ao /dz/. Atualmente, não ocorre mais a substituição de /k/ por /dz/ e a lateral palatal é um fonema do kabuverdianu. É possível encontrar casos de variação entre as duas formas, sendo a variante com a lateral palatal a mais recente: [ˈmoʎu] ~ [ˈmodʒu] ‘molho’ (exemplo retirado de BRÜSER *et al.*, 2002). Ademais, no século XVI, no contato entre o português e as línguas africanas, houve diferentes cenários para o /k/: (i) conservação do traço [palatal] – em especial quando as línguas africanas apresentavam a dada consoante em seus sistemas –, (ii) a preservação do traço [lateral], ou (iii) o uso combinado dos dois traços resultando em /lj/ (PARKVALL, 2012). Na Alta Guiné, conforme Parkvall (2012), contudo, o /k/ em itens de étimo português corresponde regularmente a /j/ (neste trabalho correspondente a /dz/), com algumas exceções como empréstimos recentes. Como isso não é registrado em nenhuma variedade de português, o autor considera menos plausível tal adaptação se justificar por interferência de um modelo de superestrato.

5 Considerações finais

Considerando o agrupamento do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu como os crioulos portugueses da Alta Guiné, este estudo observou os quadros fonológicos das três línguas, buscando mostrar como o parentesco entre elas se reflete em seus aspectos linguísticos.

Assim sendo, os quadros vocálicos e consonantais das três línguas foram apresentados e discutidos separadamente, passando em seguida para a comparação, trazendo seus aspectos convergentes e divergentes.

Muitos elementos são compartilhados entre as línguas, como as vogais /i e a o u/ e as consoantes /p b t d k g m n ñ f v s z tʃ dʒ l r/. Entretanto, as línguas também possuem diferenças, como a presença de /ɛ ʌ/ em kabuverdianu e de /y ø x h/ em papiamentu, bem como de /ʃ ʒ/ em kabuverdianu e papiamentu. Esse cenário mostra que as três línguas, a despeito de terem uma origem comum, seguiram diferentes caminhos de desenvolvimento, com estratégias próprias e recebendo influências das línguas com as quais estão em contato: o guineense, com o português, o francês e as línguas autóctones, como balanta, fula, manjaco, mandinga, papel, entre outras; o kabuverdianu, com o português e o francês; o papiamentu, com o espanhol, holandês e inglês.

Desdobramentos futuros desse estudo têm por objetivo analisar outros aspectos fonológicos, como a estrutura silábica e o acento. Além disso, pretende-se reconstruir a protolíngua que deu origem aos crioulos portugueses da Alta Guiné, observando ainda a situação do papiamentu.

Contribuição das autoras

As duas autoras do texto trabalharam juntas na escrita do artigo, discutindo os dados e as análises relacionadas à fonologia do guineense, do kabuverdianu e do papiamentu, e, assim, comparando os aspectos fonológicos das três línguas. Manuele Bandeira inicialmente colaborou com a escrita das seções introdutórias e as considerações finais. Já Shirley Freitas deu início à análise dos dados e, após uma proposta preliminar dos quadros das duas línguas, passou à análise das similaridades e diferenças, junto com Manuele. Assim, a partir das discussões entre as duas autoras foi possível chegar à versão final da análise dos dados. A revisão da versão final a ser submetida, bem como a revisão do texto após os comentários dos avaliadores também foram realizadas em conjunto pelas duas autoras.

Referências

- ANDERSEN, R. W. *Nativization and Hispanization in the Papiamentu of Curaçao, N.A.: a Sociolinguistic Study of Variation*. 1974. 290f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade da Escola de Graduação, Universidade do Texas, 1974.
- ARAÚJO, G. A. de; HAGEMEIJER, T. *Dicionário livre santome/português*. São Paulo: Hedra, 2013.
- BAUM, P. The Question of Decreolization in Papiamentu Phonology. *International Journal of the Sociology of Language*, [S.l.], v. 7, p. 83-93, 1976.
- BRÜSER, M.; SANTOS, A. R.; DENGLER, E.; BLUM, A *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português*. Tübingen: Narr, 2002.
- CAMPBELL, L. *Historical Linguistics: An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.
- CBS (Central Bureau of Statistics). *First Results Census 2011 – Curaçao*. 2012. Disponível em: [http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-201210 23105057.pdf](http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-201210%2023105057.pdf). Acesso em: 14 out. 2012.
- CHAPOUTO, S. M. da C. *Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense*. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2014.
- CLEMENTS, J. C. The status of Portuguese/Spanish /t/ and /r/ in some Iberian based creole languages. *PAPIA*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 343-356, 2014.
- COELHO, A. Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América I. 2ª série, nº 3. In: MORAIS-BARBOSA, J. (org.). *Estudos linguísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967 [1880]. p. 1-108.

COSTA, P. M. *Descrição fonológica do crioulo guineense*. 2014. 242 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

FREITAS, S. *Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu*. 2016. 671f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

HARRIS, C. C. *Papiamentu Phonology*. 1951. 67f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade da Escola de Graduação, Universidade de Cornell, 1951.

INE (Instituto Nacional de Estatística – Cabo Verde). *IVº Recenseamento Geral da População e de Habitação – Censo 2010*. 2010. Disponível em: <http://www.ine.cv/censo/censo2010.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2014.

INEC (Instituto Nacional de Estatística e Censos) – Guiné-Bissau. *Recenseamento Geral da População e Habitação Guiné-Bissau: III RGP/2009*. Bissau: INE Guiné-Bissau, 2009.

JACOBS, B. Upper Guinea Creole: Evidence in favor of a Santiago birth. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Columbus, OH, v. 25, n. 2, p. 289-343, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1075/jpcl.25.2.04jac>

JACOBS, B. *Origins of a Creole: The History of Papiamentu and its African Ties*. New York: Walter de Gruyter, 2012. (Coleção Language Contact and Bilingualism). DOI: <https://doi.org/10.1515/9781614511076>

KAUFMAN, T. Language History in South America: What We Know and How to Know More. In: PAYNE, D. (org.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 13-31.

KOUWENBERG, S.; MURRAY, E. *Papiamentu*. München [i.e.] Unterschleissheim; Newcastle: Lincom Europa, 1994.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

LANG, J. et al. *Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. [S.l.]: [S.n.], 2002. Cap. 1: p. 1-130. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6932543-Gramatica-do-crioulo-da-ilha-de-santiago-cabo-verde.html>. Acesso em: 12 nov. 2013.

- LENZ, R. *El Papiamentu: la lengua criolla de Curazao*. Santiago de Chile: Balcells & Cia, 1928.
- LOPES, A. M. V. de M. *As línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística*. 2011. 586f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2011.
- MATOS, P. C. *O sistema vocálico do guineense moderno*. No prelo.
- PARKVALL, M. *Da África para o Atlântico*. Tradução de Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- QUINT, N. *Grammaire de la Langue Cap-Verdienne*. Paris: L’Harmattan, 2000a.
- QUINT, N. *Le CapVerdien: origines et devenir d’une langue métisse*. Paris: L’Harmattan, 2000b.
- RATZLAFF-HENRIQUEZ, B. *Dikshonario Papiamentu-Ingles/Ingles-Papiamentu*. Bonaire: Jong Bonaire, 2008.
- RODRIGUES, U. *Fonologia do caboverdiano: das variedades insulares à unidade nacional*. 2007. 443f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2007.
- SANTOS, V. G. dos. *Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro*. 2015. 228f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.
- SCANTAMBURLO, L. *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense*. 2013. 371f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013.
- SOUZA NETO, A. F. *Fonotática do Papiamentu de Curaçao*. No prelo.